Casos & .Causos

Por Nestor Leme

O Bairro das Palmeiras

Registro histórico do Bairro das Palmeiras em 1926, quando a região ainda preservava características rurais e começava a consolidar sua importância no desenvolvimento de Serra Negra | *Arquivo de Nestor Leme*

Se perguntarem onde deixa de ser zona central de Serra Negra e começam os bairros, é certeza que poucos vão saber a resposta. E, como prova disto, começo o artigo perguntando: onde, por exemplo, começa o Bairro das Palmeiras? Quem sabe a resposta?

Segundo o mapa de nosso município, com as divisas de seus bairros demarcadas, o Bairro das Palmeiras, um dos mais movimentados bairros serranos, começa exatamente na Rua Paulina. De um lado é centro e, do outro, onde está a Praça do Sesqui, já é Bairro das Palmeiras. É por causa desta divisa que a Igreja de São Benedito e o Hospital Santa Rosa de Lima ficaram do lado da Paróquia de São Francisco de Assis, na época da divisão das paróquias de Nossa Senhora do Rosário e de São Francisco.

Aí vem a segunda pergunta: e por que o nome Bairro das Palmeiras? Seria porque, na atual Avenida Juca Preto, existe uma fileira de palmeiras no canteiro que separa a avenida em duas? Não, a resposta não é esta. Pois as atuais palmeiras foram plantadas na década de setenta e, nesse tempo, o bairro já tinha este nome.

Então, por que das Palmeiras? Aquela região serrana já era das Palmeiras desde o início da história, porque, no exato local onde hoje existe a Praça Padre Ângelo Marigueto, em frente à Matriz de São Francisco de Assis, existia um cruzamento da Ferrovia Mogiana com a estrada do Santo Aleixo e, para dividir esse cruzamento, em frente à atual igreja, existiam três frondosas palmeiras nativas, que estavam ali há muito tempo e que deram o nome ao bairro. Palmeiras que foram ignoradas como importantes na época da urbanização da Avenida Juca Preto e foram derrubadas como se nada representassem.

E, descrevendo o antigo Bairro das Palmeiras, um dos menores bairros serranos em extensão territorial, podemos dizer que era um bairro agrícola, com algumas fazendas maiores e muitos sítios de menor tamanho, por onde, no ano de 1892, passaram os trilhos da Ferrovia Mogiana, que ligaram Serra Negra a Amparo e melhoraram o escoamento das safras de café produzidas em nosso município.

A maior parte da população daquele bairro era composta de imigrantes italianos, com destaque para as famílias Brotto, Vicentini, Poleto, Tafner, Russo e Dechete, famílias que até hoje têm representantes residindo naquele bairro.

Os primeiros marcos do Bairro das Palmeiras foram os dois cemitérios, o da Saudade e o de São Benedito, este desativado na década de setenta. Depois instalaram o Matadouro Municipal, o atual Lar dos Velhinhos São Francisco de Assis, e a Igreja e Paróquia do mesmo santo.

Com o tempo, o Bairro das Palmeiras se desenvolveu rapidamente e hoje abriga o Colégio Jovino, o maior da cidade, várias escolas de ensino fundamental, postos de saúde, supermercados e comércio variado, além de importantes conjuntos residenciais, tais como Alto das Palmeiras, Jardim Paulista, Colina dos Ypês, Portal dos Brotos e Vila Dirce, que tornam o bairro o mais populoso de nossa cidade.

O Bairro das Palmeiras, até a década de oitenta, não tinha uma praça esportiva, mas, mesmo assim, ali existiram times amadores fortes, tais como o Grêmio das Palmeiras, Paulistinha, Avenida, Sampaio Corrêa e outros menores.

Hoje, o bairro tem dois locais para a prática esportiva: o Estádio Nelson João Gallo e o Ginásio de Esportes Dr. Mario Pereira dos Santos, conhecido como Discão. Porém, atualmente, não temos conhecimento de times em atividade naquele bairro.

Este é um pequeno relato do Bairro das Palmeiras que, por sua atividade, é, sem dúvida nenhuma, um dos mais importantes bairros de Serra Negra e onde, na atualidade, funciona a redação do nosso Jornal O Serrano.

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Construindo nossa história

Outro dia estava vendo uma reportagem de uma pessoa bem idosa que dizia que o segredo de sua longevidade era não pensar no passado. Eu não sei se terei longevidade ou se minha vida será curta, mas penso que é impossível não ter passado nem recordações – especialmente as felizes. Afinal, o que passou nos fez ser quem somos hoje.

Alguns dos transtornos que as pessoas podem sofrer podem dar essa condição de poucas emoções, ou até de pouca memória e, assim, temos pessoas pouco emocionais em nosso convívio. Hoje, já temos diagnósticos desses espectros em vários níveis – e muitos deles nem mesmo avaliação têm.

Mas vamos voltar ao passado. Eu adoro lembrar do que já foi, da minha história, das pessoas que por minha vida passaram. Não é porque as pessoas partiram que eu deixei de amá-las ou admirá-las. O passado construiu quem eu sou, e foi nele que estudei, e toda essa formação me fez quem eu sou. Como posso não viver do passado se está lá muito do meu conteúdo de amor, de aprendizado, de viagens, de alegrias? Me pergunto se atualmente já tenho isso tudo, ou se ainda viverei isso no futuro? Lógico que tenho, e, sim, vou ter ainda muito de tudo isso, inclusive tristezas, pois elas também fazem parte do nosso aprendizado. Não é fácil passar pelos momentos difíceis, mas são esses momentos que nos tornam mais resilientes.

Para uma mãe, por exemplo, não há momento pior do que aquele em que passa por doenças, acidentes ou perda dos filhos. Infelizmente, quando vamos envelhecendo, perdemos nossos pais, avós, tios e tias. Alguns são aqueles que temos mais próximos de nós, e dói muito. Também podemos perder nossos amigos, e eles também ficam em nossos corações.

Eu pergunto, então: Como não pensar no passado, se o passado está, assim, tão presente em nossos corações? Lembrar do carinho da poesia escrita para você. Tenho o privilégio de ter tido três pessoas que escreveram poesias para mim e, antes que vocês pensem que foram namorados, devo dizer que duas foram escritas por amigas e, outras, pelo meu falecido marido. Além disso, tive também um ex-namorado que escreveu uma música linda para mim. Lembro-me ainda dos presentes que ganhei e que, quando uso ou vejo em minha casa, lembro imediatamente de quem me deu. Algumas vezes, essas pessoas não estão mais perto de mim, mas continuam no meu coração e ainda posso lembrar das suas palavras. Especialmente nos momentos difíceis, quando lembro do carinho de minha mãe ou do abraço do meu irmão, por exemplo.

Somos, na verdade, construídos de passado e, assim, vamos em frente, vivendo. E, quanto mais rico é esse passado, melhores e mais resilientes seremos, e seguimos escrevendo as próximas páginas da nossa história.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

O timaço da floresta entra em campo

"Time dos Guardiões das Florestas" | *Henrique Vieira Filho*

Nesses dias em que ainda ruminamos a decepção com a nossa seleção de futebol, eis que hoje acordo, abro as notícias locais de Serra Negra e me deparo com uma tragédia bem mais dolorosa e real: o "piromaníaco pirado" da região atacou novamente, deixando mais um rastro de fogo e cinzas em nossas matas. Além do trauma óbvio infligido aos animais, inclusive humanos que respiram a fumaça, a agressão à flora é incalculável. É uma ironia amarga: a humanidade insiste em queimar o chão que nos sustenta! Ainda mais, a floresta, que nunca deixou de nos socorrer e de onde brota a matéria-prima para quase todos os remédios do planeta.

Já que a nossa fiscalização terrena não dá conta do recado, resolvi apelar para o andar de cima. Convoquei uma seleção divina, um verdadeiro "timaço" ecumênico de guardiões para fechar o gol da biodiversidade e aplicar uma goleada nesses incendiários.

Da Europa antiga, chamei Hécate, com seu jardim de plantas mágicas para a armação de jogadas, escoltada pela precisão de Panaceia, a camisa 10 que traz a cura para tudo, e a craque Ártemis, especialista nas ervas da saúde feminina. Da nossa vibrante miscigenação brasileira, vieram os donos do meio-campo: Ossaim, o orixá senhor de todas as folhas, o alquimista africano Katendê e a sabedoria ancestral dos Caboclos das Matas. Para a zaga, chegam a universal Mãe-da-Mata, pronta para regenerar o gramado queimado, e a arretada Comadre Fulozinha, que entra dando carrinho firme e chicoteando, com suas tranças, o calcanhar de qualquer piromaníaco que se aproxime com fósforo.

Para completar a comissão técnica, reforcei a convocação com o esquadrão do Olimpo católico: Santa Hildegarda e seus tratados visionários de botânica medicinal, os irmãos São Cosme e Damião, com suas pomadas e óleos herbários, e o nosso artilheiro São Pantaleão, o médico do século IX e padroeiro dos herboristas, equilibrando ciência e fé no ataque. Esses craques certamente conquistam até a copa (das árvores...) com seu "futebol" raiz!

Podemos nos dar ao luxo de montar mais uma seleção só com a categoria de base! Por exemplo: o Guaco é aquele zagueiro truculento que barra qualquer tosse na grande área; a Camomila é a meia-direita cadenciada que acalma o ritmo do jogo quando o estresse aperta; e a Hortelã é a ponta de lança veloz que ataca sem dó as dores digestivas. Claro, se o técnico (o herborista, o fitoterapeuta) escalar errado, toma um contra-ataque de efeitos colaterais. Se escalar com sabedoria, levanta a taça da cura! Quando o time divino da natureza joga junto com o conhecimento humano, a vida é que comemora o título!

Neste campeonato todo eu já fui quase que um "cartola"! Nos anos 1990, quem ajudasse aos outros com as ervas, seja por profissão, ou por caridade, acabava... preso! Como presidente do sindicato dos terapeutas, já acudi até freiras e pastores que, ao indicarem e doarem chás e extratos de ervas aos carentes, eram acusados ora de curandeirismo, ora de exercício ilegal de medicina! Nestes momentos, nós éramos como o VAR (Árbitro Assistente, só que sem Vídeo), acionados para provar que não era "pênalti", não! Mas, essa é outra partida que não cabe nesta crônica de hoje...

Escalar um ótimo time titular de plantas para seu dia a dia é a proposta deste sábado, dia 25 de julho, em que vou ministrar, gratuitamente, a Oficina Prática - Farmácia Viva: A Sabedoria das Plantas para o Dia a Dia, no Museu ReArte.

104,5 fm Mananciais

Programação 104,5 FM
00h - 05h - Madrugada 104
05h - 08h - Amanhecer na Serra
08h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 17h - Tarde 104 (Pedro Giovani)
17h - 19h - Pop 104
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 00h - Serra Negra By Night

Ouça ao vivo

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

O timaço da floresta entra em campo

"Time dos Guardiões das Florestas" | *Henrique Vieira Filho*

Nesses dias em que ainda ruminamos a decepção com a nossa seleção de futebol, eis que hoje acordo, abro as notícias locais de Serra Negra e me deparo com uma tragédia bem mais dolorosa e real: o "piromaníaco pirado" da região atacou novamente, deixando mais um rastro de fogo e cinzas em nossas matas. Além do trauma óbvio infligido aos animais, inclusive humanos que respiram a fumaça, a agressão à flora é incalculável. É uma ironia amarga: a humanidade insiste em queimar o chão que nos sustenta! Ainda mais, a floresta, que nunca deixou de nos socorrer e de onde brota a matéria-prima para quase todos os remédios do planeta.

Já que a nossa fiscalização terrena não dá conta do recado, resolvi apelar para o andar de cima. Convoquei uma seleção divina, um verdadeiro "timaço" ecumênico de guardiões para fechar o gol da biodiversidade e aplicar uma goleada nesses incendiários.

Da Europa antiga, chamei Hécate, com seu jardim de plantas mágicas para a armação de jogadas, escoltada pela precisão de Panaceia, a camisa 10 que traz a cura para tudo, e a craque Ártemis, especialista nas ervas da saúde feminina. Da nossa vibrante miscigenação brasileira, vieram os donos do meio-campo: Ossaim, o orixá senhor de todas as folhas, o alquimista africano Katendê e a sabedoria ancestral dos Caboclos das Matas. Para a zaga, chegam a universal Mãe-da-Mata, pronta para regenerar o gramado queimado, e a arretada Comadre Fulozinha, que entra dando carrinho firme e chicoteando, com suas tranças, o calcanhar de qualquer piromaníaco que se aproxime com fósforo.

Para completar a comissão técnica, reforcei a convocação com o esquadrão do Olimpo católico: Santa Hildegarda e seus tratados visionários de botânica medicinal, os irmãos São Cosme e Damião, com suas pomadas e óleos herbários, e o nosso artilheiro São Pantaleão, o médico do século III e padroeiro dos herboristas, equilibrando ciência e fé no ataque. Esses craques certamente conquistam até a copa (das árvores...) com seu "futebol" raiz!

Podemos nos dar ao luxo de montar mais uma seleção só com a categoria de base! Por exemplo: o Guaco é aquele zagueiro truculento que barra qualquer tosse na grande área; a Camomila é a meia-direita cadenciada que acalma o ritmo do jogo quando o estresse aperta; e a Hortelã é a ponta de lança veloz que ataca sem dó as dores digestivas. Claro, se o técnico (o herborista, o fitoterapeuta) escalar errado, toma um contra-ataque de efeitos colaterais. Se escalar com sabedoria, levanta a taça da cura! Quando o time divino da natureza joga junto com o conhecimento humano, a vida é que comemora o título!

Neste campeonato todo eu já fui quase que um "cartola"! Nos anos 1990, quem ajudasse aos outros com as ervas, seja por profissão, ou por caridade, acabava... preso! Como presidente do sindicato dos terapeutas, já acudi até freiras e pastores que, ao indicarem e doarem chás e extratos de ervas aos carentes, eram acusados ora de curandeirismo, ora de exercício ilegal de medicina! Nestes momentos, nós éramos como o VAR (Árbitro Assistente, só que sem Vídeo), acionados para provar que não era "pênalti", não! Mas, essa é outra partida que não cabe nesta crônica de hoje...

Escalar um ótimo time titular de plantas para seu dia a dia é a proposta deste sábado, dia 25 de julho, em que vou ministrar, gratuitamente, a Oficina Prática - Farmácia Viva: A Sabedoria das Plantas para o Dia a Dia, no Museu ReArte.